

Lauren Weisberger

A  
VINGANÇA  
VESTE  
PRADA



EDITORA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2013

# Enquanto ela vivesse

**1** Os lençóis de chuva caíam de lado, frios e implacáveis, o vento lançando-os em todas as direções. Guarda-chuva, capa e galochas eram praticamente inúteis — e Andy nem tinha nada disso no momento. Seu guarda-chuva Burberry de 200 dólares recusara-se a abrir e finalmente quebrara sob a força que ela havia feito; o casaco curto de pele de coelho, com maxigola e sem capuz, se ajustava maravilhosamente em volta de sua cintura, mas não ajudava em nada a deter o frio de congelar os ossos; e os sapatos novinhos meia-pata Prada a alegravam com sua cor fúcsia-papoula, mas deixavam a maior parte de seu pé exposto. Até a calça legging fazia suas pernas parecerem nuas, o couro tão inútil diante do forte vento quanto um par de meias de seda. Os 40 centímetros de neve que haviam se depositado sobre Nova York como um cobertor já estavam começando a derreter e se transformar em uma sujeira cinza lamacenta, e Andy desejou pela milésima vez morar em qualquer lugar menos ali.

Como se para pontuar seus pensamentos, um táxi ultrapassou sinal amarelo, buzinando para Andy em reprimenda ao grave crime de tentar atravessar a rua. Ela se segurou para não lhe mostrar o dedo médio — todo mundo andava armado hoje em dia. Em vez disso, cerrou os dentes e vomitou xingamentos mentais na direção dele. Levando-se em conta o tamanho dos

seus saltos, ela fez um ótimo progresso durante os dois ou três quarteirões seguintes. Rua 52, 53, 54... não faltava muito agora, e pelo menos ela teria um tempinho para se aquecer antes de correr de volta para o escritório. Estava se consolando com a promessa de um café quente e talvez, só talvez, um cookie com gotas de chocolate quando de repente, em algum lugar, ouviu *aquele* toque.

De onde estava vindo? Andy olhou em volta, mas os outros pedestres pareciam não perceber o som, que ficava mais alto a cada segundo. *Br-rrring! Br-rrring!* Aquele toque de celular. Ela o reconheceria em qualquer lugar enquanto vivesse, embora estivesse surpresa por ainda existirem nos aparelhos novos. Ela simplesmente não o escutava havia muito tempo, e ainda assim... tudo voltou voando. Ela sabia o que iria encontrar antes mesmo de puxar o celular da bolsa, mas não deixou de ficar chocada ao ver aqueles dois nomes na telinha: MIRANDA PRIESTLY.

Ela não ia atender. Não podia. Respirou fundo, apertou “ignorar” e jogou o celular de volta na bolsa. O toque recomeçou quase que imediatamente. Andy sentiu que seu coração começava a bater mais rápido e que ficava cada vez mais difícil encher os pulmões. *Inspire, expire*, instruiu a si mesma, abaixando o queixo para proteger o rosto da chuva, que agora, além de conter também neve, caía pesadamente, e *apenas continue andando*. Estava a menos de dois quarteirões do restaurante — já o via mais à frente, todo iluminado, como uma cálida promessa cintilante — quando uma rajada de vento especialmente violenta a empurrou para a frente, fazendo-a perder o equilíbrio e enfiar o pé naquilo que era uma das piores partes do inverno de Manhattan: uma daquelas poças pretas e lamacentas repletas de sujeira e água e sal e lixo e só Deus sabe o que mais, tão imundas e congelantes e chocantemente fundas que não se podia fazer nada além de se render a ela.

Foi exatamente o que Andy fez, bem ali na pocinha do inferno que havia se acumulado entre a rua e o meio-fio. Ficou

ali, como um flamingo, empoleirada graciosamente em um pé submerso, conseguindo manter o outro impressionantemente acima da sujeira líquida por uns bons trinta ou quarenta segundos, avaliando suas opções. À sua volta, as pessoas abriam espaço para ela e o laguinho lamacento, somente aqueles com galochas até os joelhos ousavam pisar diretamente no meio. Mas ninguém lhe ofereceu a mão, e, percebendo que a poça tinha um perímetro grande o suficiente para que ela não pudesse pular para fugir em qualquer direção, ela se preparou para mais um choque de frio e colocou o pé esquerdo ao lado do direito. A água gelada subiu por suas pernas e parou em sua panturrilha, engolindo os dois sapatos fúcsia e uns bons 12 centímetros de calça de couro. Por pouco ela não caiu no choro.

Os sapatos e a legging estavam arruinados; seus pés pareciam prestes a cair por enregelamento; sua única opção para sair daquela sujeira era continuar caminhando no meio do lamaçal; e só o que Andy conseguia pensar era *É isso o que você ganha por mexer com Miranda Priestly*.

Mas não havia tempo para chafurdar na infelicidade, porque assim que ela conseguiu chegar ao meio-fio e parou para avaliar o estrago, seu telefone tocou de novo. Fora corajoso — ora essa, completamente imprudente, isso sim — ignorar a primeira ligação. Ela simplesmente não podia fazê-lo de novo. Pingando, tremendo e quase aos prantos, tocou na tela e disse alô.

— Ahn-dre-ah? É você? Já faz uma eternidade que você saiu. Só vou lhe perguntar mais uma vez. Cadê. O. Meu. Almoço? Não vou ficar esperando para sempre.

É claro que sou eu, pensou Andy. *Você ligou para o meu número. Quem mais iria atender?*

— Sinto muito, Miranda. A rua está terrível e eu estou fazendo o máximo para...

— Quero você aqui *imediatamente*. É só o que eu tenho a dizer.

E, antes que Andy pudesse dizer mais uma palavra, a ligação foi encerrada.

Apesar de a água gelada que se acumulou em seus sapatos esguichar por entre seus dedos da maneira mais nojenta que se possa imaginar e de que já era bem difícil andar naqueles saltos mesmo quando secos e das calçadas que ficavam mais escorregadias a cada segundo conforme a chuva começava a congelar, apesar de tudo isso, Andy começou a correr. Disparou como pôde por um quarteirão, e só faltava mais um quando ouviu alguém gritando seu nome.

*Andy! Andy, pare! Sou eu! Pare de correr!*

Ela reconheceria aquela voz em qualquer lugar. Mas o que Max estava fazendo ali? Ele tinha viajado, ficaria fora todo o fim de semana; em algum lugar do interior, com algum propósito que não lhe ocorria agora. Ou não viajara? Ela parou e se virou, procurando por ele.

*Aqui, Andy!*

E então ela o viu. Seu noivo, com seu cabelo escuro e grosso, seus olhos verdes penetrantes e sua beleza rústica, montado em um enorme cavalo branco. Andy não gostava muito de cavalos desde o tombo que levara ao montar em um no segundo ano, quando quebrara o pulso direito, mas aquele cavalo parecia até bem amigável. Pouco importava que Max estivesse em cima de um cavalo branco no centro de Manhattan em plena nevasca — Andy estava tão feliz em vê-lo que nem pensou em questionar.

Ao vê-lo desmontar com a facilidade de um cavaleiro experiente, Andy tentou lembrar se algum dia ele havia mencionado jogar polo. Em três passos largos ele estava ao lado dela, envolvendo-a em um abraço quente e delicioso, e ela sentiu seu corpo inteiro relaxar enquanto se rendia a ele.

— Minha pobre gatinha — murmurou ele, sem dar a menor atenção ao cavalo ou aos pedestres curiosos. — Você deve estar congelando aqui fora.

O som de um telefone — aquele telefone — tocou entre os dois. Andy se apressou em atendê-lo.

— Ahn-dre-ah! Não sei que parte de “imediatamente” você não entendeu, mas...

O corpo inteiro de Andy tremia enquanto a voz estridente de Miranda perfurava seu ouvido, mas, antes que ela pudesse mexer um único músculo, Max pegou o telefone de sua mão, apertou “desligar” e o jogou com uma mira perfeita direto na poça que anteriormente havia sequestrado os pés de Andy.

— Já chega dela, Andy — disse ele, passando um grande edredom em volta de seus ombros.

— Ahmeudeus, Max, como você pôde fazer isso? Estou tão atrasada! Ainda nem cheguei ao restaurante, e ela vai me matar se eu não estiver lá com o almoço dela em...

— Shhh — falou ele, levando dois dedos aos lábios de Andy. — Você está a salvo agora. Está comigo.

— Mas já é uma e dez, e se ela não...

Max enfiou as mãos sob os braços de Andy e a ergueu sem esforço no ar antes de colocá-la suavemente de lado na sela instalada no dorso do cavalo branco — cujo nome, de acordo com Max, era Bandit.

Ela ficou sentada em silêncio, atônita, enquanto Max tirava seus sapatos encharcados e os jogava na sarjeta, para então sacar da própria mochila — a que ele carregava para todo lado — a pantufa de lã de Andy (sua preferida) e calçá-la em seus pés vermelhos e feridos. Para completar, ajeitou o edredom sobre seu colo, amarrou a própria echarpe de caxemira na cabeça e no pescoço dela e lhe entregou uma garrafa térmica de aço cheia de, segundo ele, um leite quente especial, com chocolate amargo. Seu favorito. Por fim, em um movimento impressionantemente fluido, ele montou novamente no cavalo e pegou as rédeas. Antes que ela pudesse dizer mais uma palavra, eles começaram a trotar pela Sétima Avenida, a escolta policial à frente livrando o caminho de tráfego e pedestres.

Era um alívio enorme estar aquecida e ser amada, mas Andy não conseguia se livrar do pânico que sentia por não ter atendido um pedido de Miranda. Ela seria demitida, isso era certo, mas e se as consequências acabassem sendo piores? E se Miranda estivesse tão furiosa por Andy tê-la desafiado que resolvesse usar sua influência ilimitada para garantir que ela jamais conseguisse outro emprego? E se decidisse ensinar uma lição à sua assistente e lhe mostrar exatamente o que acontecia quando alguém simplesmente deixava Miranda Priestly na mão — e não só uma, mas *duas* vezes?

— Eu tenho que voltar! — gritou Andy ao vento, conforme o cavalo passava de trote a corrida. — Max, dê a volta e me leve para o escritório! Não posso...

— Andy! Está me ouvindo, meu amor? Andy!

Os olhos dela se abriram imediatamente. A única coisa que ela sentia era o próprio coração martelando no peito.

— Você está bem, meu amor. Está tudo bem. Foi só um sonho. E, pelo visto, um sonho horrível — sussurrou Max, erguendo o rosto dela com a mão fria.

Andy se apurou e viu a primeira luz da manhã entrando pela janela do quarto. Não havia neve nem chuva, nem cavalo algum. Seus pés estavam descalços mas quentes debaixo dos lençóis deliciosamente macios e ela sentia o corpo de Max forte e seguro contra o seu. Respirou fundo, e nisso o cheiro dele — seu hálito, sua pele, seu cabelo — encheu suas narinas.

Tinha sido só um sonho.

Ela olhou em volta. Ainda se sentia semiadormecida, atordoada por ter sido acordada na hora errada. Onde eles estavam? O que estava acontecendo? Foi só quando olhou para a porta, na qual estava pendurado um vestido Monique Lhuillier recém-passado e simplesmente deslumbrante, que ela lembrou que aquele quarto estranho era na verdade uma suíte nupcial — a *sua* suíte nupcial — e que ela própria era a noiva. Noiva! Uma onda de adrenalina fez com que se sentasse ereta na cama tão rápido que Max levou até um susto.

— Com o que você estava sonhando, gata? Espero que não tenha tido nada a ver com o evento de hoje.

— De jeito nenhum. Só antigos fantasmas. — Ela se inclinou para a frente para beijá-lo enquanto Stanley, o maltês deles, se enfiava entre os dois. — Que horas são? Espere... o que você está fazendo aqui?

Com aquele sorriso endiabrado que ela adorava, Max saiu da cama. Como sempre, Andy não pôde deixar de admirar seus ombros largos e seu abdome definido. Ele tinha um corpo de 25 anos, só que melhor — não duro e musculoso demais, mas perfeitamente definido e em forma.

— São 6 horas. Entrei escondido já faz um tempo — disse ele enquanto vestia uma calça de pijama de flanela. — Estava me sentindo sozinho.

— Bem, é melhor você ir embora daqui antes que alguém o veja. Sua mãe estava neurótica com a ideia de que não podíamos nos ver antes do casamento.

Max a puxou para fora da cama e a envolveu em seus braços.

— Então não conte a ela. Mas eu não ia passar o dia inteiro sem ver você.

Andy fingiu irritação, mas no fundo ficou feliz por ele ter entrado escondido para um aconchego rápido, ainda mais depois daquele pesadelo.

— Está bem. — Ela suspirou dramaticamente. — Mas volte para o seu quarto sem ser visto! Vou levar Stanley para dar uma volta antes que todo mundo desça.

Max apertou sua pélvis contra a dela.

— Ainda é cedo. Aposto que se formos rápido podemos...

Andy riu.

— Vá logo!

Ele a beijou de novo, ternamente dessa vez, e saiu da suíte.

Andy pegou Stanley nos braços e beijou-o bem em seu focinho úmido.

— Chegou a hora, Stan!



Ele latiu entusiasmadamente e tentou fugir, e ela teve que soltá-lo antes que ele destruísse seus braços de tanto arranhá-los. Por alguns deliciosos segundos ela conseguiu esquecer o sonho, que, no entanto, logo reapareceu em toda a sua realidade detalhada. Respirando fundo, ela deixou que seu pragmatismo entrasse em cena: nervosismo pré-casamento. Um típico pesadelo de ansiedade. Nada mais. Nada menos.

Ela pediu café da manhã pelo serviço de quarto e alimentou Stanley com pedacinhos de ovo mexido e torrada enquanto recebia telefonemas animados de sua mãe, irmã, de Lily e Emily — todas impacientes para que ela comesse as preparações —, depois botou a coleira no cão para um passeio rápido no ar revigorante de outubro antes de realmente começar todo o frenesi. Era um tantinho constrangedor vestir a calça de moletom com um NOIVA estampado em rosa-shocking bem na bunda — um dos presentes que ela ganhara no chá de panela —, mas também dava uma pontinha de orgulho. Ela enfiou o cabelo dentro de um boné, amarrou o cadarço do tênis, fechou o zíper do casaco de lã comprado na Patagônia e milagrosamente conseguiu chegar à vasta área do hotel Astor Courts Estate sem deparar com vivalma. Stanley pulava o mais alegremente que suas perninhas permitiam, puxando-a na direção dos limites da propriedade, onde uma fileira de árvores já exibia em suas folhas as ardentes cores do outono. Eles andaram por quase meia hora, com certeza tempo suficiente para que todo mundo ficasse imaginando aonde ela fora, e, apesar de o ar estar fresco e de os campos ondulados da fazenda serem lindos e Andy sentir a vertigem de entusiasmo do dia de seu casamento, ela não conseguia tirar a imagem de Miranda da cabeça.

Como é que aquela mulher ainda conseguia assombrá-la? Fazia quase *dez anos* desde que ela voltara correndo de Paris, fuga de seu período destruidor de almas como assistente de Miranda na *Runway*. Ela crescera muito desde aquele ano pavoroso, não crescera? Tudo havia mudado, e para melhor: os primeiros anos pós-*Runway* fazendo trabalhos como freelan-

cer, que ela orgulhosamente transformara em uma atividade estável escrevendo como colaboradora para um blog sobre casamentos, *Felizes Para Sempre*. Alguns anos e dezenas de milhares de palavras depois, ela conseguiu lançar sua própria revista, *The Plunge*, uma linda publicação em papel cuchê acetinado de alta qualidade que já tinha 3 anos de vida e que, apesar de todas as previsões em contrário, até dava lucro. *The Plunge* estava sendo indicada para prêmios e os anunciantes faziam fila para comprar espaços publicitários. E agora, no meio de todo esse sucesso profissional, ela ia se casar! Com Max Harrison, filho do falecido Robert Harrison e neto do lendário Arthur Harrison, que fundara a Harrison Publishing Holdings nos anos que se seguiram à Grande Depressão e a transformara na Harrison Media Holdings, uma das mais prestigiosas e lucrativas empresas dos Estados Unidos. Max Harrison, que por muito tempo havia figurado no circuito de “melhores partidos”, um cara que havia namorado as Tinsley Mortimers e Amanda Hearsts de Nova York, e provavelmente também uma quantidade razoável de irmãs, primas e amigas suas, era seu noivo. Prefeitos e magnatas estavam entre os convidados que compareceriam aquela tarde para saudar o jovem descendente e sua noiva. Mas a melhor parte de todas? Ela amava Max. Ele era seu melhor amigo. Ele a adorava e a fazia rir e gostava do trabalho dela. Não era sempre verdade que os homens em Nova York não estavam prontos até estarem prontos? Max começara a falar em casamento meses após se conhecerem. Três anos depois, ali estavam eles, no fatídico dia. Repreendendo-se por desperdiçar mais um segundo pensando em um sonho tão ridículo, Andy guiou Stanley de volta para sua suíte, onde um pequeno exército de mulheres havia se reunido em um pânico nervoso e melodioso, aparentemente imaginando se ela havia fuzido da cena do crime. Houve um audível suspiro coletivo de alívio quando ela entrou; Nina, a cerimonialista, imediatamente começou a dar ordens.